

# Territórios Negros: a oralidade das mulheres negras como guardiã da memória nas periferias

Michelle Dias da Silva<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Feminista, Antirracista, Assistente Social e Psicanalista em formação. Mestranda no Programa de Pós- Graduação em Serviço Social e pesquisadora no Núcleo de Cidades e Territórios na Pontifícia Universidade Católica PUC -SP. Servidora pública na Prefeitura de São Paulo, militante do coletivo de servidoras negras da PMSP “Nós Carolinas”, membra da coordenação do Cursinho Popular Ivone Lara, integra o Grupo de Estudos das Relações Étnico Raciais e o Serviço Social - GERESS, atua como base na Comissão Formação do CRESS – SP.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo propõe uma análise sobre a importância da oralidade nos processos de estudo e pesquisa da memória e formação social do Brasil. A história “oficial” do nosso país foi construída pelos colonizadores, e o apagamento das lutas travadas pelos povos originários e pela população negra foi utilizado como mecanismo de alienação, reforçando ideias eugênicas de branqueamento e extermínio dos “corpos indesejados”. O afastamento da população negra dos grandes centros urbanos e a segregação socioterritorial são características da colonialidade do poder (Quijano, 2005) que determinam como as relações sociais se estabelecem nos territórios. As periferias, espaços de maior concentração de pessoas negras, são locais onde as políticas públicas são escassas e a presença massiva do Estado ocorre, muitas vezes, com ações repressivas e violentas.

Contudo, esses territórios negros são também espaços de construções potentes, por meio da oralidade, do uso da terra e dos pontos de cultura. Como muitas mulheres negras ocupam este chão, este artigo pretende abordar como o território vivido (Koga, 2002) e a transmissão das memórias dos bairros por meio da oralidade constituem estratégias de resistência contracolônica (Bispo, 2023).

## REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO

Para a construção das reflexões deste artigo, utilizo os seguintes conceitos, território e territorialidade do geógrafo prof. Dr. Milton Santos (2020), auxiliando nas costuras necessárias para compreensão sobre espaço e território e as identidades que se formam nas relações sociais, sendo a territorialidade uma dimensão importante para a análise que pretende ser apresentada. O conceito de território vivido da profa. Dra. Dirce Koga (2002) colabora para apreensão do território nas suas múltiplas facetas, enquanto espaço social, político e econômico e as periferias são um organismo onde essas ações se inter-relacionam, e como uma categoria de análise utilizo a interseccionalidade (Collins e Bilge, 2021, p. 15) para ilustrar a forma de vivência dos territórios quando consideramos as relações de gênero, raça e classe. Sobre o conceito de territórios negros e espaços de potência e produção de vida, convido a arquiteta e psicanalista Joice Berth (2023) e a assistente social Cláudia Rosalina Adão (2023) que apresentam análises importantes sobre segregação racial e espacial das cidades e como lutas históricas das pessoas negras são marcas geracionais que se expressam na oralidade e na forma de ocupar os territórios.

Convido também para este encontro de ideias a historiadora Maria Beatriz Nascimento (2018) que traz para cena reflexões importantes sobre quilombo e favela, corpo - território e memória, colocando as pessoas negras como protagonistas das narrativas de suas histórias e o psicólogo ms. Leandro Aparecido Fonseca Missiato (2021) que traz um conceito sobre memoricídio das populações negras e políticas coloniais do esquecimento, como ações que ainda estão em curso para segregar e apagar as memórias e histórias das pessoas negras no nosso país e juntamente com os estudos da socióloga, filósofa e feminista María Lugones (2008) observar como a colonialidade do poder afeta diretamente as mulheres negras. Por fim, convido para esta roda a prof. Dra. Maria Martinelli e o prof. Dr. Rodrigo Aparecido Diniz (2019) para localizar a história oral como uma estratégia política de análise da realidade, não apenas uma metodologia de pesquisa que pode ser aplicada para apreensão da realidade.

## RESULTADOS

O apagamento das memórias de pessoas negras e povos originários foi e continua sendo prática de manutenção do poder colonial. O capitalismo se apropria desta lógica para intensificar a exploração desses corpos. O racismo tem função social de reforçar mecanismos de superexploração no capitalismo dependente brasileiro.

Mas, a intencionalidade deste artigo é apresentar como as mulheres negras através da oralidade e da forma como ocupam os territórios são responsáveis por transmitir a real história do nosso povo e como este movimento são fios condutores que tecem uma grande rede de movimentos sociais nas periferias.

O memoricídio e o aterramento (Missionato, 2021) são práticas que ocorrem desde o Brasil colônia, a história oficial do nosso país foi projetada pelos colonizadores, criando uma falsa ideia de que nossos ancestrais tanto os que já estavam quanto os que vieram traficados para cá eram pessoas passivas as violências e exploração que sofriam, colocando o “homem branco” como provedores civilizados e responsáveis pela evolução das relações sociais, políticas e econômicas.

A eugenia e o higienismo foram os pilares para o apagamento da história das pessoas negras e dos povos originários no nosso país, a ideia de uma raça superior a outra, ou na verdade racializar um grupo em detrimento de outro que não se vê racializado por ser superior, foi um dos caminhos que o poder colonial seguiu, no pós abolição isso se intensificou, a segregação sócio espacial e as políticas de branqueamento da população ganhou novos, e perversos capítulos.

A história contada a partir do colonizador não desvela o percurso de lutas históricas que se espalharam por todo país, os quilombos que desenvolviam tecnologias de sobrevivência, resistência e se organizava de forma autônoma frente ao processo de colonização da época, os símbolos construídos nas cidades são aterrados com outras obras e esquecidos.

Casos concretos, como o achado de artefatos arqueológicos na estação 14-Bis da linha 6- Laranja, em São Paulo, evidenciam o aterramento da história negra, posteriormente protegida por coletivos e movimentos sociais.

Podemos dizer que o mesmo acontece nos territórios mais distantes dos grandes centros, nos territórios negros, e trazendo as mulheres negras para a cena, muitas são protagonistas de lutas importantes nas periferias, vou centrar minha análise na trajetória de mulheres negras da zona leste de São Paulo, território onde cresci e me formei e pude acompanhar o processo de organização de muitas delas e como a oralidade, a troca de saberes e a resistência frente aos ataques e violações de direitos sociais foram fundamentais para que outras realidades pudessem ser construídas nestes bairros.

## CONCLUSÃO

Este artigo demonstra como a oralidade e a ocupação territorial por mulheres negras constituem encontros de potência. A territorialidade do corpo vivido é marcada ancestralmente e transmitida geracionalmente, não apenas pela oralidade, mas também pelo uso da terra. Esse movimento coletivo de preservação da memória e produção de vida pode ser compreendido como resistência e (re)existência dos corpos negros nas periferias. Mulheres negras estão criando novas epistemologias e modos de produção do conhecimento, fortalecendo territórios negros como espaços de existência e reexistência.

## REFERÊNCIAS

ADÃO, Claudia Rosalina. **Territórios de vida:** resistências, existências e produção de cuidado por mulheres negras. 2023. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

BERTH, Joice. **Se essa cidade fosse nossa?** Rio de Janeiro: Editora Paz & Terra, 2023.

BISPO, Nego. **Terra dá, terra quer:** a luta pela terra e a resistência negra no Brasil. São Paulo: Editora Ubu, 2023.

COLLINS, Patricia; BILGE, Sirma. **Intersectionality.** Cambridge: Polity Press, 2021.

FONSECA MISSIATO, **Leandro Aparecido.** Memoricídio das populações negras no Brasil: atuação das políticas coloniais do esquecimento. Revista Memória em Rede, Pelotas, v. 13, n. 34, p. 252–273, jan./jun. 2021.

KOGA, **Dirce Harue Ueno.** Cidades entre territórios de vida e territórios vividos. Serviço Social & Sociedade, São Paulo, n. 72, p. 22–52, 2002.

LUGONES, **Maria.** Colonialidade e gênero. Tradução de Pê Moreira. Tabula Rasa, Bogotá: Universidad Colegio Mayor de Cundinamarca, n. 9, p. 73–101, jun./dez. 2008.

MARTINELLI, **Maria Lúcia.** A história oral na pesquisa em serviço social. São Paulo: Cortez, 2019.

NASCIMENTO, **Maria Beatriz.** Beatriz Nascimento, quilombola e intelectual: possibilidades nos dias da destruição. 1. ed. São Paulo: Diásporas Africana, 2018.

QUIJANO, **Anibal.** Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: GIL, Isaias; GOUVÊA, Roberto (orgs.). Racismo e desigualdade no Brasil contemporâneo. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2005. p. 47–64.

SANTOS, **Milton.** Espaço e método. 5. ed. São Paulo: Editora Edusp, 2020.